



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

MARIA CLARA TORRES

O DISCIPLINAMENTO DO INDIVÍDUO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

**CAMPINA GRANDE
2016**

MARIA CLARA TORRES

O DISCIPLINAMENTO DO INDIVÍDUO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton
Conserva de Arruda.

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Maria Clara Torres da
O disciplinamento do indivíduo na instituição escolar
[manuscrito] / Maria Clara Torres da Silva. - 2016.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,
Departamento de Filosofia".

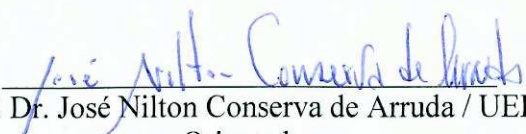
1. Foucault. 2. Poder disciplinar. 3. Educação. I. Título.
21. ed. CDD 190


MARIA CLARA TORRES DA SILVA


O DISCIPLINARMENTO DO INDIVÍDUO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 20/05/2016.


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a conclusão deste trabalho, em especial para o Professor Dr. Nilton Conserva, pela orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste TCC.

A minha família pelo apoio e pela presença em minha vida. Ao meu pai (em memória) pela dedicação durante sua vida.

“Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

Michel Foucault

O DISCIPLINAMENTO DOS INDIVÍDUOS NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Torres, Maria Clara¹

RESUMO

O artigo apresenta os aspectos fundamentais que configuram a tese de Foucault sobre o poder que é vigente nas sociedades contemporâneas, segundo ele essas sociedades vivenciam um tipo característico de relação de poder que atua de modo afirmativo, procuram disciplinar e normalizar os indivíduos, se afastando daquele modelo negativo de poder que pune, restringe e nega. Na sequência faremos uma análise da instituição escolar utilizando esses conceitos foucaultianos, de modo a poder perceber que o espaço escolar é um espaço que por excelência disciplina os alunos e prepara os indivíduos úteis às exigências da sociedade e do mercado. A abordagem foucaultiana, permite ainda analisar e compreender como a instituição escolar exerce um papel fundamental nos mecanismos de controle e dominação presentes nas sociedades modernas. Dessa forma, ele nos ajuda a afastar qualquer discurso ingênuo sobre a função transformadora da educação, pelo menos aqueles discursos que apresentam a educação como sendo o espaço fundamental para se formar indivíduos críticos e participativos.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Poder disciplinar. Educação.

INTRODUÇÃO

O filósofo Michel Foucault propõe a tese de que nas sociedades contemporâneas se estrutura e atua uma nova organização do poder. Essa organização se produziu a partir do século XVIII, pois, segundo sua interpretação, fica assinalado que esse século testemunha uma reconfiguração do mando, do controle e da administração, exigindo que se compreenda como o poder não se limita apenas ao âmbito político e os seus modos variáveis de representação e dominação, realidade correntemente tematizada pelas teorias clássicas do poder, haja visto que também se propaga nas relações sociais de modo mais sutil e que não poderá ser explicado de modo tradicional.

Utilizando essa particular compreensão do poder como categoria analítica, Foucault busca compreender como a constituição dos sujeitos modernos, ou o que ele chama de processo de subjetivação, está em correlação direta com a associação entre essa nova configuração do poder e os discursos verdadeiros, sobretudo os discursos científicos. Assim, será importante estabelecer uma analogia entre poder, sujeito, identidade e discurso.

O modelo administrativo na modernidade é fortemente embasado na razão científica, orientada pela convicção no progresso, enquanto percurso histórico da humanidade. A racionalidade atrelada a confiança na capacidade ilimitada que se põem

¹ Aluna de graduação da Licenciatura em Filosofia da UEPB.

ao homem, comporta um novo dispositivo de poder na sociedade. Apresentaremos os aspectos fundamentais que configuram a tese de que as sociedades contemporâneas vivenciam um tipo característico de relação de poder que de modo afirmativo procura disciplinar e normalizar os indivíduos, se afastando daquele modelo negativo de poder que pune, restringe e nega. Na sequência faremos uma análise da instituição escolar utilizando os conceitos foucaultianos, de modo a poder perceber que o espaço escolar é um espaço que por excelência disciplina os alunos e prepara os indivíduos úteis às exigências da sociedade.

O PODER DISCIPLINAR NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Foucault verifica essa racionalidade administrativa se realizando em âmbitos menores, pelos regulamentos, processos de controle e ações disciplinares distribuídos no dia-a-dia das várias instituições: escolas, prisões, quartéis, hospitais e fábricas. Essas instituições estabelecem limites sobre os sujeitos que as formam, fixando assim uma configuração hierárquica e favorável de controle, fomentando uma nova ordem disciplinar.

Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo, pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre os indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede “sustenta” o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apóiam uns nos outros: fiscais perpetuamente fiscalizados: o poder na vigilância hierarquizada [...] (FOUCAULT, 1988, pg. 158).

Segundo Foucault o poder se fragmenta, realizando assim micro poderes que se sobrepõem ao macro poder – aquele tradicionalmente associado ao Estado, analisado como o poder soberano. Assim, os sujeitos são perpassados por esses micro-poderes que se ramificam em diversas instituições no âmbito social e relacional. Nessa perspectiva, Foucault analisa diversos aspectos da sociedade pós-moderna, sobretudo as relações sociais, onde se realiza a dominação e o controle de sujeitos, uns sobre os outros, na vida cotidiana. A filosofia foucaultiana abandona a visão de totalidade e se debruça sobre a singularidade, as particularidades que dizem respeito ao sujeito em doses pequenas do seu cotidiano, daí que a resistência a dominação também deve realizar nas pequenas atitudes cotidianas:

[...] Foucault nos fala de uma liberdade que chamo de homeopática, concreta, cotidiana e alcançável nas pequenas

revoltas diárias, quando podemos pensar e criticar o nosso mundo. Assim ele quer ser útil para nós (VEIGA-NETO, 2014, p. 22).

A disciplina social produz um mecanismo infinito de agentes com seus micro-poderes: professores, enfermeiros, fiscais, oficiais, pais, patrões, médicos... etc.

Michel Foucault nos convida a uma inovação teórica de modo a podermos compreender esse aspecto afirmativo do poder:

É preciso cessar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “discrimina”, “mascara”, “esconde”. Na verdade, o poder produz: produz o poder real, produz os domínios de objetos e os rituais de verdade (FOUCAULT, 1988, pg. 110).

Para definir o tipo de sociedade e de poder que é preponderante nela, Foucault a chama de “sociedade disciplinar”. Uma sociedade que reproduz práticas de controle, e punição. É pelos discursos que se dissemina as ações de vigilância, que buscam normatizar comportamentos dos sujeitos. Define também que as ações humanas se encontram subjugadas a mecanismos de controle, que trazem características peculiares da estrutura social. O poder se associa de modo muito forte ao saber e alcança assim o sujeito no seu corpo, na sua mente, nos sentimentos.

A construção por meio do discurso científico de comportamentos que são tidos como os mais adequados para os indivíduos passa a ter grande relevância na função de controle social, pois eles são cada vez mais utilizados como instrumento de dominação. Dominação que se estrutura e se justifica com o auxílio direto dos discursos científicos.

Do mesmo modo, os controles disciplinares da atividade encontram lugar em todas as pesquisas, teóricas ou práticas, sobre a máquina natural dos corpos; mas elas começam a descobrir nisto processos específicos; o comportamento e suas exigências orgânicas vão pouco a pouco substituir a simples física do movimento. O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e “celular”, mas também natural e “orgânica (FOUCAULT, 1988, P.141).

Esse processo disciplinar é dado para ser reproduzido em vários âmbitos, representações em pequenas escalas de algo que se pretende reproduzir em toda sociedade, assumindo também uma função política e econômica, onde a ação humana

está subjugada e submetida as ações de controle socioeconômicas. O discurso propaga assim uma falsa importância de pertencimento do sujeito, junto a sociedade.

Os mecanismos que oprimem se estruturam numa organização histórico social, pois obedece a uma necessidade normativa e natural das sociedades, ao longo do tempo e da história. Se fixam numa homogeneização comportamental, fabricada em grande medida pela lógica capitalista, que engloba as relações existentes entre os âmbitos econômico/social.

Mas as forças de que fala Foucault – e de que falava também Nietzsche – não estão nas mãos de alguns atores ou de algum grupo que as exerçam sobre outros. Elas não são colocadas em movimentos como resultado de arranjos políticos ocultos; elas não emanam de algum centro, como o Estado (nem mesmo o absolutista). Ao contrário, tais forças estão distribuídas difusamente, por todo o tecido social [...] (VEIGA-NETO, 2014, pg. 61).

Essa é uma característica fundamental da analítica do poder desenvolvida por Foucault, o seu descentramento, pois nunca é identificado com nenhuma instância central, mas é pensado em rede, presente nas pequenas relações do cotidiano, mas produzindo um efeito geral de controle em toda a sociedade.

O DISCIPLINAMENTO DOS INDIVÍDUOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Michel Foucault analisa a instituição escola como parte de um mecanismo que agencia e disciplina corpos, no aspecto comportamental, nas atividades, e a alma no aspecto dos objetivos e expectativas. A escola funciona como um veículo que comporta um discurso de “verdades” sobre o indivíduo assumindo assim uma função clara de controle.

A educação escolarizada direciona-se para uma perspectiva de controle do físico e do mental. A sistematização das escolas permite tal domínio sob corpos, moldando-os, para garantir uma disciplina, uma subserviência do sujeito, possibilitando assim a essa instituição a possibilidade de “domesticá-los”. Nesse mecanismo de educação disciplinar, o homem é tomado de obediência e servidão.

A escola propicia ações próprias, como uma instituição com capacidade de exercer funções de utilidade favorável ao processo disciplinador. O alunado entra em

um estado normativo, dentro de uma conjuntura considerada natural, portanto aceitável. Essa instituição se apresenta como uma “máquina” que impulsiona ações de fiscalização, controle e dominação: o sujeito é algo que se fabrica.

[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas, entretanto, são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo em massa, grosso modo como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção em folga de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo [...] (FOUCAULT, 1988, pg. 126).

O estado não detém o controle desse poder disciplinador, pois ele se encontra em toda parte, ele “se produz a cada instante, em todos os pontos”. O discurso científico exerce uma influência disciplinadora sobre o sujeito, a medida em que procura fundamentar racionalmente o comportamento exigido de cada indivíduo para que ele possa corresponder ao que exige as instituições de modo particular, e a sociedade de maneira geral. Dessa forma, Foucault compreende o poder como sendo uma ação sobre as ações, considerando que essa atuação que disciplina os indivíduos se realiza nas mínimas atividades, não precisa recorrer a um mando centralizado.

Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que se podem exercer na sociedade. Portanto, não o rei em sua posição central, mas os súditos em suas relações recíprocas: não a soberania em seu edifício único, mas as múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social. (FOUCAULT, 1979, p. 183).

Recorrendo às originais concepções de poder, e suas relações intrínsecas com o saber desenvolvidas por Foucault, o espaço escolar pode ser interpretada como representando uma instituição na qual se realiza uma forma ínfima de controle, mas também pode ser vista uma instância na qual poderá se realizar atitudes de resistência e de contestação, pois as leituras realizadas por Foucault nunca são unitárias, também o uso que fazemos de suas categorias devem ter a mesma perspectiva teórica de não totalização. A educação escolar, por definição, atua precisamente na sujeição dos indivíduos, no seu controle, na dependência estimulada pelas técnicas e relações de poder que são ativados por meio dos mais diferentes atores, das múltiplas práticas, procedimentos, e legislações que configuram o espaço escolar.

Foucault chama de *tecnologias do eu* qualquer prática que possa induzir comportamentos. Na análise aqui apresentada sobre a instituição escolar, tudo que diz respeito aos indivíduos envolvidos nesse fazer, devemos atentar que “essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social” (FOUCAULT, 2004, p. 276). A análise não é descendente, pois não se aponta um lugar de onde o poder possa ser exercido de modo unitário, nem também um único indivíduo que possa ser apontado como o sujeito responsável pela dominação que se instaura.

A análise foucaultiana sobre o poder permite compreender a realidade da instituição escolar nas suas funções mais diretas, como educar, formar e ensinar, mas lança luzes sobre outras funções menos diretas, mas igualmente importantes para disciplinar os que estão envolvidos no processo educativo. A sua descrição do poder contemporâneo permite ainda apontar como as relações de poder estão diretamente relacionados à produção dos campos de saber, e de modo recíproco, como saberes geram relações de poder.

Na instituição escolar, cada espaço físico é destinado a uma funcionalidade específica: as salas de aula comportam as cadeiras dos alunos em filas, para um melhor efeito de contemplação e vigilância: o lugar do professor em sala de aula o põe sempre em destaque, até mesmo existem escolas que esse lugar é um pouco elevado ao nível do piso, propiciando a ideia de que o professor hierarquicamente é superior ao alunado e de onde ele fixa um olhar amplo, sob toda a sala de aula; As cadeiras em fila; câmeras nas salas, pátios, corredores, propiciando assim um conjunto de olhares que vigiam, e permeiam por todo o espaço escolar o olhar controlador do poder. O banheiro que na porta de entrada já determina o gênero, classificando-o enfim, e gerando a vigilância sob corpo. As filas organizadas, para que não se perca o domínio, o fardamento nas cores elaboradas, devendo sempre permanecer arrumado e verificado, desenvolvendo no aluno e até mesmo no professor a ideia de pertencimento; a direção, a coordenação, os funcionários, os professores e por fim os alunos, verificando-se assim uma rede de hierarquias funcionais, de controle e dominação que não precisam estar centralizadas, pois funcionam com mais eficácia na sua dispersão e difusão por todo espaço escolar, realizado como espaço efetivo de exercício de poder.

O Conselho de classe, a direção, os professores, coordenação pedagógica, funcionários e alunos que se verifica o andamento dessa ordem de poder, que vai desde

o estabelecimento dos conteúdos na grade curricular, planos de aula, formas de avaliações (onde esse aluno tem que devolver o que assimilou ou aprendeu), o calendário do ano letivo, onde cada dia é somado para que se tire o máximo de proveito do aluno, nesse sistema educacional, até as grandes datas comemorativas, que envolvem os grandes “feitos, vultos e heróis” da história.

As notas, produção e comportamentos, por meio delas a instituição busca melhores processos para se obter a produtividade do alunado, onde o professor tem seu papel de ensinar, classificar e punir. O tempo escolar que é medido pela hora-aula, tempo no qual o professor tem que procurar administrar seu conteúdo, obedecendo ao livro didático, elaborado por editoras que geram e determinam interesses culturais, sociais, políticos e também a um plano de curso que em grande medida passa pelo coordenador e direção da escola. O tempo também determina as permanências: na recreação, nas avaliações, nas idas ao banheiro, na entrada e saída dos alunos, professores, funcionários. A proibição de aparelhos eletrônicos, celulares. O que permitem interrupções no processo disciplinar e o rompimento com o mundo exterior (além dos muros da instituição).

Todas essas regras gerais são elaboradas por uma coordenação, onde a máxima escolar é a vigilância para que não ocorra a punição. Cada aluno, mas também cada indivíduo que participa dessa instituição de educação, controle e disciplinamento é constantemente solicitado a desempenhar o papel que lhe é confiado, de modo a não ser punido, mas recompensado e reconhecido. O poder disciplinar não se realiza pelo impedimento e pela negação, mas pelo incentivo, pela recompensa e afirmação do comportamento que é mais desejável e adequado.

O ALUNO DISCIPLINADO E O CIDADÃO DOMADO

A análise desenvolvida por Michel Foucault sobre como o poder é exercido nas sociedades contemporâneas, nos permitem compreender com maior precisão o espaço escolar como um espaço de controle e reprodução dos modelos sociais que interessam a cada sociedade. O poder disciplinar não impõe mecanismos de controle forçado, mas estimula ações de uns em relação a outros, de modo que promove uma política cotidiana no exercício prático da educação, construindo comportamentos, ideias e modelos que são apresentados como corretos, pois existe todo um discurso científico que é utilizado para reforçar e fundamentar o que é exigido.

As teses desenvolvidas por Foucault são bastante adequadas para se pensar a instituição escolar, pois um dos espaços mais privilegiados na produção da subjetividade é o espaço escolar. O poder disciplinar que opera de modo disperso em toda a sociedade, pode ser identificado de modo mais preciso na escola. Os discursos pedagógicos costumam assumir a bandeira de uma educação transformadora, e pouco se tematiza a respeito da junção entre saber, poder e subjetivação, de como essas instâncias atuam conjuntamente para fabricar indivíduos dóceis e úteis à sociedade capitalista.

Assumindo uma perspectiva de crítica a essa ausência reflexiva, a abordagem foucaultiana se constitui em uma exploração teórica bastante fecundas para uma compreensão mais abrangente dos discursos pedagógicos, pois ele afirma que “procurei saber como o sujeito humano entrava nos jogos de verdade, tivessem estes a forma de uma ciência ou se referissem a um modelo científico, ou fossem como os encontrados nas instituições e nas práticas de controle” (FOUCAULT, 2004, P. 264). O que se constitui no âmbito da educação escolar não é só o aluno ideal, domado, assimilador acrítico de conteúdos, mas o próprio cidadão disciplinado que funcionará como uma mera engrenagem no espaço social. Há uma transição direta do aluno adestrado pelos discursos verdadeiros que estabelecem os comportamentos desejáveis, as pessoas e as instituições cujos saberes devem ser acolhidos, e o cidadão não politizado, massa silenciosa e disciplinada.

Assim, todo o sistema educacional, mas a escola de maneira mais específica, são os exemplos mais evidentes de como operam os dispositivos do poder disciplinar: o modo como o espaço físico é organizado, como as relações hierárquicas são estabelecidas, como as regras de bom funcionamento do espaço e do correto comportamento dos indivíduos atuam. Porém, se a instituição educacional funciona ativando essas práticas, saberes e valores que são internalizados pelos indivíduos, exercendo um papel fundamental no poder disciplinar e no processo de subjetivação, devemos ressaltar que mesmo esse processo não sendo de todo consentido, há sempre espaço para a resistência. Essa é uma perspectiva importante da teorização foucaultiana, nunca estamos tão domesticados pelo poder que não possamos ativar uma resistência. Foucault não assume uma perspectiva negativa ou libertária do sistema educacional, pois reconhece a sua função positiva e necessária na transmissão do saber, mas não podemos negligenciar, como fazem parte dos discursos pedagógicos, a função disciplinar e invasiva das práticas escolares:

Tomemos também alguma coisa que foi objeto de críticas frequentemente justificadas: a instituição pedagógica. Não vejo onde está o mal na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que um outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas; o problema é de preferência saber como será possível evitar nessas práticas – nas quais o poder não pode deixar de ser exercido e não é ruim em si mesmo – os efeitos de dominação que farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de um professor primário; um estudante, à tutela de um professor autoritário etc. Acredito que é preciso colocar esse problema em termos de regras de direito, de técnicas racionais de governo e de *êthos*, de prática de si e de liberdade (FOUCAULT, 2004, p. 284).

A análise postulada por Foucault não é linear e descendente, isto é, não se realiza apenas de cima para baixo, colocando os professores em posição superior e controlando os alunos na parte inferior, ou diretores que do alto submetem professores, mas apontam-se as relações nas quais todos os participantes estão envolvidos em uma rede de poderes múltiplos e dispersos, que funciona muito mais como campo de forças, continuamente tensionado pelas ações e reações dos participantes, do que um local de emanção e controle centralizado, “ora, isso não significa que o poder político esteja em toda parte, mas que, nas relações humanas, há todo um conjunto de relações de poder que podem ser exercidas entre indivíduos, no seio de uma família, em uma relação pedagógica, no corpo político” (FOUCAULT, 2004, p. 266). O sistema educacional funciona tanto como um espaço de subjetivação quanto de resistência à subjetivação. Há nele esse aspecto positivo de constituir uma subjetivação funcional, no sentido de preparar o indivíduo para ele poder situar-se na sociedade, à medida que assimila certas técnicas que configuram seu comportamento consigo mesmo e perante a sociedade. Porém, o mesmo processo pode ser realizado como um mecanismo violento de usurpação da subjetivação conduzida pelo indivíduo, até onde isso seja possível. A analítica do poder ativada por Foucault, que aponta o caráter relacional do poder, permite essa compreensão da função do sistema educacional, das suas potencialidades positivas e negativas.

[...] por isso é no estudo da obra do filósofo que se pode buscar algumas maneiras produtivas de pensar o presente, bem como novas e poderosas ferramentas para tentar mudar o que se considera ser preciso mudar. Por outro lado, não se deve procurar no pensamento foucaultiano um suposto grande remédio, seja para o mundo. Foucault não é um salvacionista na medida em que, para ele, não existe o caminho, nem mesmo um lugar aonde chegar e que possa ser dado antecipadamente. Isso não significa que não se

chegue a muitos lugares; O problema é que tais lugares não estão lá num outro espaço ou num outro tempo (futuro) - para serem alcançados ou nos esperar (VEIGA-NETO, 2014, p.15).

A disciplina constante alicerça na escola, na educação o controle, a normalização e a disciplina. Apresentando mecanismos e técnicas que são perceptíveis em vários âmbitos: alunos que devem manter o silêncio para que os conteúdos sejam assimilados, para que a ordem seja mantida; a caderneta dos professores, o diário de classe, que comportam as notas atribuídas ao comportamento, aos vistos, a presença ou as faltas e o desempenho desse aluno em relação ao que a escola lhes cobra. Os plantões pedagógicos, onde os pais verificam os “boletins” dos filhos como a verificar um retorno ao que foi investido, com relação ao filho, professor e instituição, cobrando muitas vezes práticas ou posturas que deveriam abranger em primeiro plano a família e não a escola. A “ação educativa” afirma-se como uma ação de disciplina e controle sobre todos os indivíduos envolvidos no mesmo processo, pois o professor é vigiado também e cobrado pelas práticas usadas em sala de aula, pelas ferramentas que lhe permita otimizar uma metodologia em sala de aula, formando assim um círculo de dominação e obediência de uns sobre outros, em um âmbito hierarquizado e permeado de poder. Dessa maneira, a escola enquanto instituição de educação vem cada vez mais desenvolvendo e aplicando as técnicas que geram o sujeito obediente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da teoria de Foucault sobre o poder disciplinar possibilita compreender a importância da sua teorização para o estudo da educação e dos discursos pedagógicos. O caráter disperso, múltiplo, anônimo e relacional do poder disciplinar, ressaltando a presença desses micropoderes dispersos na sociedade, levantam sérios questionamentos para os discursos pedagógicos que concebem a educação escolar e a instituição escola como espaço essencial para se modelar uma cidadania crítica, politizada e transformadora. A abordagem foucaultiana, pelo contrário, denuncia como a instituição escolar exerce um papel fundamental nos mecanismos de controle e dominação presentes nas sociedades modernas. Dessa forma, ele nos ajuda a afastar qualquer discurso ingênuo sobre a função transformadora da educação, pelo menos aqueles

discursos que apresentam a educação como sendo o espaço fundamental para se resistir à força invasora do poder.

A teoria do poder de Michel Foucault possibilita uma leitura direta do pensamento e da prática pedagógica, da instituição escola na contemporaneidade, de modo a indicar o seu papel no âmbito da dominação das nossas sociedades capitalistas. Porém, devemos atentar que segundo sua interpretação não totalizante, o homem e suas práticas são históricas, e a história não é linear. O sujeito depende fortemente dos processos históricos que participa. Suas categorias, portanto, utilizadas para uma compreensão de fatos e questões educacionais, não implica em afirmar verdades ou formulações que respondam a expectativas de mudanças educacionais, como também não propõe condutas corretas, mas sim uma verificação crítica dos princípios e resultados de determinados discursos pedagógicos e práticas educacionais que carregam a pretensão de redenção social.

Foucault nos encaminha para uma compreensão dos sistemas de controle desenvolvidos pelas sociedades modernas que são marcados pela dispersão, isto é, para o conjunto de elementos entre os quais não há alguma relação de coordenação entre si e que formam o dispositivo do poder disciplinar. A base estrutural da educação moderna pode ser adequadamente descrita por tal caracterização do poder, pois, tal como foi descrita, os métodos, planos, e ações contribuem para a formação da instituição escolar que funcionam com um propósito comum, e que produzem resultados impossíveis de se obterem por um só deles isoladamente; a saber os vários mecanismos educacionais, nas suas habilidades e competências.

A escola no seu processo educacional gera possibilidades de formulação de sujeitos que se envolvendo em seu âmbito cultural, obedecem às práticas escolares, respondendo assim aos modelos de educação que são disponibilizados pela sociedade como um todo: o ensino formal das escolas estruturado onde a função básica seria oferecer o conhecimento científico, com a contrapartida de preparar o indivíduo para inserção no mercado de trabalho. Porém, esse intento só é realizado a contento quando o indivíduo for disciplinado, de modo a ser dócil e útil ao mercado.

O possível indivíduo que se compreenderia como um cidadão crítico e politizado, construído no âmbito de uma educação crítica e transformadora é fortemente questionado pela análise apresentada neste trabalho, pois o sujeito não é visto como uma realidade que o poder quer dominar, controlar ou reprimir, o sujeito nunca é compreendido como uma realidade externa aos mecanismos de poder e saber, mas como

um dos seus principais efeitos. Determinados discursos pedagógicos acreditam que são portadores de um discurso crítico, que alguns sujeitos podem ativar para realizar uma educação diferente da que é correntemente veiculada pela instituição escolar, mas a caracterização do poder disciplinar denuncia que não faz sentido pensar um sujeito externo ao poder, que justamente por não estar submetido aos seus mecanismos de controle, poderia de fora e de cima oferecer um discurso que fosse portador da resistência, pois seria sempre uma resistência utópica.

O espaço real de liberdade é relacionado com as escolhas que cada indivíduo faz dos valores e práticas que estão à sua disposição, pois nunca pode se colocar fora das configurações sociais com seus consequentes mecanismos de poder, procura eleger valores, práticas, ações, dentre as realmente possíveis para constituir a sua própria subjetividade. No âmbito do espaço social marcado por relações disciplinares cada indivíduo procura construir possibilidades de resistências reais e não utópicas.

RÉSUMÉ

L'article présente les aspects fondamentaux qui forment la thèse de Foucault sur le pouvoir qui est en cours dans les sociétés contemporaines, il a déclaré que ces sociétés éprouvent une sorte particulière de relation de pouvoir que les actes cherchent affirmativement à la discipline et à normaliser les individus, se déplaçant loin de cette modèle négatif de puissance qui punit, restreint et nie. Après nous ferons une analyse de l'école en utilisant ces concepts foucauldienne, afin de se rendre compte que l'école est un espace que les étudiants de la discipline par excellence et les prépare les individus utiles aux exigences de la société et le marché. L'approche de Foucault permet également d'analyser et de comprendre comment l'établissement d'enseignement joue un rôle clé dans les mécanismes de contrôle et de domination présente dans les sociétés modernes. Ainsi, il nous aide à dissiper tout discours naïf au sujet du rôle de transformation de l'éducation, au moins ces discours qui ont l'éducation comme l'espace fondamental pour former les individus critiques et participatives.

MOTS-CLÉS: Foucault. Pouvoir disciplinaire. Education.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Edgar. **Vocabulário de Foucault**. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis. Vozes. 1988.

_____. Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Ética, sexualidade e política**. (Ditos e Escritos V). Tradução Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

PETERS, M.A. & BESLEY, T. **Por que Foucault: novas diretrizes para a pesquisa educacional**. Tradução Vinicius Figueira Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2008.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos básicos**; tradução Maria do rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovani. - São Carlos: Claraluz, 2005.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.